

As representações sociais dos estudantes das licenciaturas da UEFs sobre como os estudantes de licenciatura recebem uma proposta de ensino com pesquisa

Nayra Oliveira de Brito Santos¹; Marinalva Lopes Ribeiro²

1. Bolsista PIBIC/CNPq, Graduando em Licenciatura em Pedagogia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: nayrafalcao@hotmail.com
2. Orientador, Departamento de Educação, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: marinalva_biodanza@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE: ensino universitário, ensino com pesquisa, formação de professores.

INTRODUÇÃO

O modelo educacional conservador não tem contemplado as necessidades atuais da sociedade no que concerne a formação de indivíduos criativos, reflexivos e produtores de conhecimento. Entretanto, muitos professores ainda pautam sua prática pedagógica nesse modelo de ensino, caracterizado pela apropriação mecânica dos conhecimentos, quase sempre apartados da vida e, portanto, sem significado para os alunos. Diante da insatisfação em relação a esse modelo, e das novas exigências da sociedade por profissionais qualificados, capazes de solucionar problemas complexos com autonomia, de trabalhar em equipe, de transformar a realidade, faz-se necessário uma mudança paradigmática na prática de ensino. No modelo emergente, a aula possibilita a construção de conhecimentos pelo próprio aluno, sujeito da aprendizagem, através do questionamento reconstrutivo. Nessa perspectiva, o conhecimento é dinâmico e pode ser sempre problematizado, mediante a prática do ensino com pesquisa, considerada ferramenta importante para a formação de indivíduos críticos, capazes de interferir na sociedade (GUBA,1990). Com efeito, a pesquisa na prática pedagógica propicia a aprendizagem significativa, já que segundo Demo (1996, p.5-9), a aula puramente como transmissora de conhecimentos não educa, motivo pelo qual defende “a necessidade de fazer da pesquisa atitude cotidiana no professor e no aluno,” com base no questionamento, na dúvida, na formulação e comprovação de hipóteses que possam explicar a realidade.

Diante desse cenário, faz-se necessário refletir sobre a formação dos professores que vão atuar na escola básica. Parece imprescindível, hoje, a construção, por parte dos futuros docentes, de saberes necessários para ajudarem seus alunos a aprender, a pensar e a construir os conhecimentos de forma autônoma, mediante a utilização, com propriedade, da pesquisa na sala de aula. Diante dessa necessidade impositiva, que implica nos currículos dos cursos de licenciatura, nos questionamos: será que os professores universitários têm relacionado sua prática docente com as pesquisas que desenvolvem? Será que a prática pedagógica dos docentes universitários tem sido pautada na pesquisa? Como será que os estudantes universitários se comportam diante de um ensino com pesquisa?

MATERIAL E MÉTODOS

Para alcançar o objetivo de compreender a disposição dos estudantes da UEFs para assumir uma proposta de ensino com pesquisa, realizamos um estudo do tipo descritivo, que utilizou como instrumento de coleta e produção de dados a entrevista semiestruturada, com a participação de 25 estudantes que cursavam o penúltimo semestre dos seguintes cursos de licenciatura: Letras, Geografia, História, Física, Pedagogia, Educação Física, Biologia e Matemática. Os dados receberam um tratamento e foram categorizados de acordo com os pressupostos da análise temática

(BARDIN, 1977), resultando em cinco categorias: 1) Incentivo ao estudante, 2) Confusão entre ensino com pesquisa e iniciação científica, 3) Comprometimento dos estudantes com a formação, 4) Disponibilidade de tempo e 5) Influência do mercado na formação.

A seguir, vamos apresentar e discutir, de forma sucinta, cada categoria.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. Incentivo ao estudante

Nesta categoria, vamos apresentar os depoimentos dos sujeitos da pesquisa que a associam ao incentivo, tanto por parte do professor, quanto por parte da instituição.

Ficou evidente nas representações dos estudantes que ao professor cabe lançar propostas, levantar questionamentos, orientar os alunos, estimulando-os para a prática de pesquisa em sala:

Então dentro da sala de aula, a condição para isso é que o professor incentive primeiramente, ele coloque perguntas que não dêem um direcionamento para onde a gente vai pesquisar, a fim de que a gente possa perceber as aplicações do conteúdo que o professor está ensinando. (MV6)

Essa ideia vai ao encontro de Haydt (1995), ao salientar que o incentivo é um estímulo externo e consiste numa ação intencional e bem calculada pelo professor, demonstrando que este tem a possibilidade de canalizar a aprendizagem do aluno, como pode ser observado no depoimento anterior.

Quanto ao incentivo por parte da instituição, ficou evidente nos depoimentos dos sujeitos que a instituição deve dar condições para a realização desse labor, tanto no que se refere à estrutura física quanto à estrutura pedagógica, além de estimulá-los desde o início do curso, como afirma o sujeito da pesquisa:

Eu acho que se há uma preparação para desde o início do curso, uma coisa com trabalho científico mesmo, acho que consegue essas funções. Acho que dava sim, porém, a Universidade deveria ter uma estrutura, materiais, professores qualificados, quanto à metodologia utilizada tem que estar adequada (ER3).

2. Confusão entre ensino com pesquisa e iniciação científica

Parece que os depoentes não conseguem diferenciar a pesquisa na sala de aula da iniciação científica como fica explicitado na fala a seguir:

Sim, alguns têm [...] nós sabemos que para fazer parte de um projeto de pesquisa e conseguir bolsas, é importante ter um recurso financeiro pra a gente se dedicar só aos estudos (RA2).

Esse depoimento nos faz refletir sobre a ideia de Paoli (1988) ao afirmar que o pensamento de associação entre ensino e pesquisa foi disseminado a partir dos anos 50, no entanto, essa prerrogativa até os dias atuais não foi incorporada efetivamente nas práticas docentes, institucionais e estudantis, desse modo pode-se concluir que o ensino ainda pauta-se no paradigma tradicional e que os estudantes estão imersos nesta perspectiva que os impede de refletir sobre a sua prática estudantil e a prática dos seus professores e de discernir as diferenças entre a prática de pesquisa em sala de aula e a bolsa de iniciação a pesquisa científica.

3. Comprometimento dos estudantes com a formação

Alguns participantes afirmam que, de modo geral, os estudantes da graduação não se implicam na pesquisa por falta de comprometimento e motivação:

Na maioria dos casos não, infelizmente, a gente vê muitos alunos tratando o ensino com muito descaso, vem para cá na maior necessidade de estar aqui, mas não estão assumindo o verdadeiro papel de aluno, de aprendiz (ML8).

Parece lastimável essa realidade, já que a aprendizagem dificilmente acontecerá se o aluno não se disponibilizar para tanto. Assim, o discente precisa mobilizar ações favoráveis e comprometidas na construção do seu próprio conhecimento, assumindo-se como protagonista deste processo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa buscou compreender as representações de estudantes de licenciaturas da UEFS sobre a prática de ensino com pesquisa; identificar práticas educativas de professores universitários que utilizam como estratégia de ensino a pesquisa; identificar a recepção dessas práticas por parte dos estudantes das licenciaturas.

Analisando os dados resultantes das entrevistas, concluímos que grande parte dos estudantes estão dispostos a assumir uma proposta de ensino pautado na pesquisa, os sujeitos enumeraram condições para que a pesquisa aconteça em sala de aula, como o incentivo por parte do docente e da instituição, maior comprometimento dos estudantes com a formação e disponibilidade de tempo.

Concluímos, também, que é necessário um esclarecimento por parte da universidade sobre o significado da pesquisa na sala de aula e a diferença entre essa atividade e a bolsa de iniciação científica, momento também importante na formação do estudante, mas cujo objetivo é diferente.

No que diz respeito a confusão feita pelos sujeitos da pesquisa entre ensino com pesquisa e bolsa de iniciação científica, conclui-se que os estudantes não possuem esclarecimento sobre a proposta da pesquisa inserida no ensino, tornando-se mais uma vez evidente que as bases tradicionais estão enraizadas nas representações sociais dos estudantes, levando-nos a refletir sobre a necessidade de mudança nessas representações, já que o que um dos pilares que constitui a própria universidade é a pesquisa.

Quanto ao descomprometimento dos estudantes com a formação, possivelmente seja devido a referida falta de tempo, na medida em que muitos estudantes da universidade pública necessitam trabalhar e são poucos aqueles que têm o privilégio de ser bolsista de iniciação científica, de extensão ou de trabalho, para que possam se dedicar aos estudos sem ter que enfrentar horas do tempo que seria dedicado à pesquisa nos transportes coletivos que servem a nossa cidade. Diante dessas precárias condições, muitos estudantes chegam depois do horário e saem às pressas da sala de aula se querem cumprir a carga horária dos contratos de trabalho que se obrigaram a assinar para sobreviver como estudantes.

Mas, vale acrescentar, outros tantos estudantes parecem não ter vocação mesmo para a pesquisa. Influenciados pelo mercado de trabalho, fazem uma formação aligeirada, apenas para receberem o diploma exigido para se inserirem nesse concorrido mercado, sem se preocuparem com a formação de qualidade, o que impede a aceitação da proposta de ensino com pesquisa.

REFERÊNCIAS

- DEMO, Pedro. **Educação e qualidade**. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
 DEMO, Pedro. **Educar pela pesquisa**. 1. ed Campinas, SP: Autores Associados, 1996.
 BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.
 HAYDT, R. C. **Avaliação do Processo Ensino-Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 1995
 GUBA, E. G. **The paradigm dialog**. Newbury Park, CA: Sage, 1990.

- PAOLI, N. O princípio da indissociabilidade do ensino e da pesquisa: elementos para uma discussão. **Cadernos Cedes**, 22: 27-52, 1988.
- PINTO, Neuza Bertoni. **Erro: Uma estratégia para a diferenciação do ensino**. In: ANDRÉ, Marly (org.). **Pedagogia das diferenças na sala de aula**. Campinas, SP.
- MORETTO, Vasco Pedro. **Prova: um momento privilegiado de estudo e não um acerto de contas**. 6 ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- PIMENTA, S.G, ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. São Paulo: Cortez, 2010
- SILVA, Janssen Felipe. **Avaliação do ensino e da aprendizagem numa perspectiva formativa reguladora**. In: SILVA, J. F.; HOFFMANN, J.; ESTEBAN, M. T. (orgs.) **Práticas avaliativas e aprendizagens significativas: em diferentes áreas do currículo**. 3.ed. Porto Alegre: Mediação, 2004.